

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

GARCHET, Helena Maria Bomeny. Helena Maria Bomeny Garchet (depoimento, 2016). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 20min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Helena Maria Bomeny Garchet  
(depoimento, 2016)**

Rio de Janeiro

2022

### *Ficha Técnica*

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** João Marcelo Ehlert Maia;

***Levantamento de dados:*** João Marcelo Ehlert Maia;

***Pesquisa e elaboração do roteiro:*** João Marcelo Ehlert Maia;

***Técnico de gravação:*** Ninna Carneiro;

***Local:*** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

***Data:*** 02/09/2016 a 02/09/2016

***Duração:*** 1h 20min

Arquivo digital - áudio: 1;

***Temas:*** Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; Ciências Sociais; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Pesquisa científica e tecnológica; Produção intelectual; Universidade Federal Fluminense;

### *Sumário*

Entrevista: 1/09/2016 O início da atividade profissional como cientista social; a graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF); o mestrado no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); orientação por Olavo Brasil Lima Junior; a relação com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC); o trabalho na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); a atuação com professora; a atuação como chefia de departamento; a rotina de planejamentos de aula; a relação com a leitura; os textos utilizados em aula; a utilização de mídias nas aulas; a experiência de aula mais gratificante; a experiência de aula mais decepcionante; a sua atuação como orientadora acadêmica; o surgimento das ideias para pesquisa; o funcionamento da pesquisa; o processo de escrita; conclusões e agradecimentos.

*Entrevista: 02/09/2016*

J – Hoje é dia 1 de setembro, CPDOC, 2 de setembro, entrevista com a professora Helena Bomeny. Helena, obrigado por vir aqui. Eu pergunto sempre como você iniciou a sua atividade profissional como cientista social? Em que momento isso veio para você como uma profissão?

H – Acho que foi como professora, mesmo. Estou pensando... porque eu tive um tempo de trabalho antes numa coisa que se chamava “Federação dos Bandeirantes do Brasil”

J – Mas, você era estudante?

H – Éramos estudantes. Então, depois eu morava em Niterói, eu fazia UFF, foi onde eu fiz Ciências Sociais e de lá foi que eu decidi fazer o mestrado no IUPERJ.

J – Isso em?

H – 73, 74... Por aí, eu tenho que conferir. Eu fiz a dissertação, na época o mestrado era de quatro anos e eu fiz a dissertação certinha, no prazo, quatro anos, e foi em 81 que publicou, em 80 eu defendi, então é isso em 1976. Mas, quando eu fui fazer o mestrado eu entrei para fazer Sociologia, mas na época o IUPERJ tinha uma grade curricular que os cursos de política me pareciam melhores, então, o meu mestrado é em Ciência Política. Eu fiz todos os cursos de política, de teoria, e foi em um dos cursos, foi assim que começou, foi um dos cursos do mestrado que o Mário Machado oferecia de Cultura Política e de Socialização Política [interrupção]. Foi naquele curso que eu me encantei por aquela literatura. E na época eu tinha feito uma pequena pesquisa com João Batista Araújo Oliveira, indicado por Simon também no mestrado, então todas as minhas experiências iniciais vieram da pós-graduação. Então, eu tinha feito uma pesquisa sobre livro didático, imagina? Na época do ministério do Passarinho com o João Batista que compunha um livrinho que ele escreveu, que eu tenho um capítulo, e porque o João Batista me conheceu por essa pesquisa de livro, de educação e tal, apareceu uma oportunidade de fazer uma consultoria na TV Educativa do Maranhão porque o diretor da TV naquela época, João Vicente de Abreu Neto, conhecia o João Batista por alguma conexão da vida, e ele queria dar um outro rumo a TV Educativa do Maranhão, que tinha uma particularidade grande na época, pois oferecia, respondia pelo ensino da 5ª a 8ª série no Maranhão, a escola pública era pela televisão. Num formato diferente porque não era tele-educação, os programas eram feitos e a sala de aula tinha um aparelho de televisão, monitor, e tinha um material escrito, aquelas aulas gravadas, e o monitor era um mediador entre os

estudantes e aquele material. E quando o João assumiu, isso era um projeto do Sarney em 1965, era na verdade um projeto do Renato Archer, que perdeu a eleição, o Sarney ganhou a eleição para governador e cumpriu o projeto do Renato. E o João Batista assumiu a direção e ficou impressionado com aquele material, achava ideologizado demais, era uma época de educação moral e cívica, de OSPB, regime militar, então tinha uma coisa muito, muito ufanista, e muito ideológica mesmo, de pregação. Então, ele pediu ao João que indicasse alguém que pudesse fazer esse trabalho. Eu acho que esse foi o primeiro trabalho profissional que eu fui chamada para fazer como socióloga, veio através de uma indicação do IUPERJ, de um curso, e foi uma coincidência felicíssima porque eu estava fazendo um curso todo com a literatura de cultura política de socialização política, etc. e vou para o Maranhão e dou de cara com aquele material, com aqueles professores, era um campo, quer dizer a dissertação foi definida ali, naquele trabalho. E nessa época, eu já estava no CPDOC, eu entrei aqui em 1973, então o mestrado foi em 1976, eu já estava aqui [CPDOC] e fazia, ao mesmo tempo a pesquisa com a Ângela, que deu no livro Regionalismo, era sobre a política mineira, descentralização política pós trinta, e essa dissertação que não tinha nada que ver com nada daqui. Então, eu comecei um pouco com essa ambiguidade, eu diria, a outra era um pouco mais fácil para eu conduzir, pois, eu podia me apropriar de um material de leitura, de experiência que a sociologia me dava do que o CPDOC, era pesquisa historiográfica mesmo, um treinamento que eu nem tinha, aquela coisa de jornal diário, fazer acompanhamento diário porque o projeto era sobre a constituinte de 1933 que deu na constituição de 1934, então era uma coisa estranha, lembrava quando o Antônio Cândido disse que com a mão direita ele escreveu um livro e com a mão esquerda outro, era uma coisa muito, muito dividida. E eu acho que essa divisão ela, um pouco, permaneceu na minha vida, eu fico as vezes querendo juntar e quando eu vejo elas estão separadas novamente. Porque, eu fiz então a dissertação, nessa época o Simon entrou, foi no ano que eu defendi o mestrado, em 1980, foi quando o arquivo Capanema entrou aqui, e o CPDOC já começava a viver um momento de crise nos anos 80, já tinha uma indefinição para onde ia, como é que fica, como é que rearranja. Lembro que a Aspásia disse “eu não posso impor a ninguém, a algum pesquisador que está vindo ver o arquivo” Aspásia era a coordenadora da pesquisa, o professor é esse... e eu fui à FINEP, o Simon era professor do IUPERJ, mas também trabalhava na FINEP. Eu fui à FINEP e falei com ele que eu tinha experiência com educação, com educação moral e cívica, e sobre Minas, era na verdade com a conjuntura política de Minas e que eu sabia que ele iria coordenar o arquivo Capanema e se ele achava que havia alguma

chance de que eu integrasse a pesquisa. Ele disse “Você está melhor que eu, porque você conhece mais da política mineira desse período do que eu!” Foi daí que começou o trabalho que depois deu no texto. Eu acho que isso se reencontrou um pouco do ponto de vista da pesquisa quando eu encontrei no arquivo Capanema os intelectuais porque, num certo sentido, o quadro de referência da cultura política, de um certo tratamento de um universo de valores se mesclou, saiu a tese de doutorado um pouco dali também, mas já não era a pesquisa daqui, quer dizer sempre a pesquisa pessoal fica paralela a essa atividade profissional. E aqui fiquei até 2012...

J – E quando você começou a trabalhar, digamos assim, na sua ocupação? Hoje você é professora adjunta da UERJ, como você chegou nesse lugar?

H – Pois é... Porque é o seguinte, quando eu ainda estava no IUPERJ a Cândido Mendes tinha uma orientação muito clara que os professores de Sociologia Política e das Ciências Sociais que dariam aula na Cândido Mendes seriam selecionados no IUPERJ. E eu fui por indicação do Olavo, que era o meu orientador, Olavo Brasil Lima Junior. O Olavo me indicou para ser professora de Sociologia e uma coisa curiosa, como o Otávio era professor titular, engraçado... eu já entrei como titular lá, mas era um titular de universidade privada, eu acho que eu estava no mesmo lugar que ele, não tinha nada de carreira universitária. Então, durante 13 anos, eu já no CPDOC, eu dava aula à noite na Cândido Mendes. Mas, não era para o curso de Ciências Sociais, era curso de Economia, curso de Administração e aquelas introduções. Eventualmente, um curso eletivo, nem tinha, era mesmo introduções... e um de Sociologia das Organizações que era possível também. Mas, eu sempre tive um gosto grande pelo magistério, era uma coisa que eu achava boa, só não gostava de estar numa universidade privada porque eu não tinha nenhuma conversa, para você ter uma ideia a conversa mais estreita que eu tinha lá era com um professor de Matemática. E ficou mais ainda num dia a gente conversando e ele me contou que teve um irmão que foi morto na repressão e ele militar... então, acho que ali me ajudou muito a quebrar essa coisa tão direta, tão mecânica. Mas, não tinha muita conversa com os outros professores porque era aquela sala de professores horistas, que você entrava, dava a sua aula e ia embora. E já no CPDOC não tinha ensino. Além da grande instabilidade profissional que tinha aqui, de inserção, durante uns oito anos todo novembro nós recebíamos um aviso prévio, era uma coisa regular porque não sabia se a FINEP iria renovar se não iria renovar, era uma coisa de fato muito instável. E havia uma regularidade, os pesquisadores de primeira geração do CPDOC, com exceção de Lúcia Lippi que não quis continuar na universidade, todos estavam

ao mesmo na universidade e aqui. E abriu esse concurso, eu já estava no doutorado, para a UERJ. Eu lembro que liguei para o Zé Murilo, que era o meu orientador no doutorado, e falei com ele que tinha visto um edital, isso era em 88, eu tinha chegado do sanduíche, o que ele achava, ele disse “Olha, a UERJ está alterando, está mudando, o Reinaldo é que está lá, o Reinaldo Guimarães, que está na sub-reitoria, então, tem uma coisa interessante acontecendo lá, acho que vale a pena você olhar”. E eu fiz o concurso para a UERJ em fevereiro de 1989 e comecei em abril de 1989 lá. E aí foi uma experiência muito interessante porque primeiro eu não tinha nenhuma experiência de universidade pública. Tinha feito um concurso na UFRJ, concorri até com a Gláucia, mas, não era concurso não lembro qual era o nome que eles davam, mas não era concurso aberto com uma vaga, era professor colaborador, mas era um concurso mesmo com prova escrita, prova de aula... mas, eu não tinha nenhuma experiência com universidade pública, mas tinha muita experiência com a privada, que era a Cândido Mendes, e com uma instituição, com uma fundação, que embora seja sempre identificada como uma instituição pública, ela tinha uma marca muito forte de hierarquia a gente sentia muito isso aqui. Toda e qualquer iniciativa intelectual maior que você quisesse tinha sempre um constrangimento, você tinha que pedir autorização de alguma maneira, então tinha sempre a figura de um chefe, o que você podia falar ou o que não pode falar. Teve um momento de criação de uma associação de professores e pesquisadores que foi visto como coisa de mobilização política que assustava a fundação e nós tivemos que nos explicar. Então, havia essa definição muito clara e constrangedora de até onde você podia ir e até onde você não podia. E quando eu entrei na universidade pública a primeira sensação, que eu me lembro de ter tido lá, era que você podia inventar o que você quisesse, era uma coisa estranha. A impressão que dava era que você só não fazia se você não tivesse condição de fazer, não era preciso pedir licença para inventar. Isso foi em 1989, em 1990 eu já estava na vice chefia de departamento com a Patrícia Birman e lembro que a primeira pergunta dela era o que nós vamos fazer, o que é para fazer. A Sociologia tem disso eventualmente vez ou outra ela não sabe o que será na próxima década, no próximo milênio, eu disse naquela época a melhor maneira de fazermos isso é fazer essa pergunta o que vai ser da sociologia nos 90, o que queremos com isso? O que mais me impressionou na época, eu fui à Fundação Ford pedir um apoio que acabou não saindo, mas todos, todos os professores com os quais nós entramos em contato aceitaram prontamente e saiu aquele livro “As assim chamadas Ciências Sociais”. Então, aquilo foi a minha entrada na UERJ, o primeiro ano. Em 1992 o livro já estava na rua. E uma ideia muito clara que a coisa

dependia muito de você, eu acho que essa é a coisa profissional mais forte que a universidade deixa para o bem e para o mal. Hoje eu fico pensando que talvez ela tenha essa fragilidade grande, exatamente, por essa independência. O que significa que é um grau de institucionalização menor depende muito de quem que está no departamento, quem é que está na direção, com quem é que você se associa naquele momento. E o que foi um respirador para mim no começo, com o passar do tempo eu fico vendo o efeito disso, quer dizer nesses 26 anos que eu estou lá há momentos claros em que isso interfere de forma positiva e que isso interfere de forma negativa. E ali eu nunca consegui fazer pesquisa na UERJ, engraçado isso, era magistério mesmo, a pesquisa era aqui. Eu sabia que o lugar da pesquisa era no CPDOC e o lugar do ensino era na universidade. E isso ficou sempre muito dividido a ponto de alguns momentos de pesquisa aqui eu ter os meus bolsistas de lá, isso aconteceu várias vezes, não só o ensino era de lá, como também a experiência de formação docente vinha de lá também. E isso foi até 2003, isso foi até a escola aqui, quando abriu a escola aqui ficou mais pesado porque era uma duplicação no mesmo nível e com uma alteração de exigência de padrões de pesquisa nos dois lugares, e ali eu acho que complicou mais, de 2006 até o ano que eu saí.

J – Como você descreveria, como não, mas se você pudesse descrever como é um dia típico de trabalho seu na UERJ? Eu sei que os nossos dias são muito variados, mas se você tivesse um dia típico, como é uma rotina típica de trabalho? Você acorda...

H – Eu estive quarta-feira lá e teve um desses momentos. Eu dei uma aula de 8H30min até 10H30min, sai dessa aula e emendei com uma aula na pós-graduação que começou 10H40min e foi até 13H. Almocei qualquer coisa, entramos numa reunião às 14H e foi até 16H30min e depois ainda fui falar com uma pessoa. Isso é raro, quer dizer é raro porque nesse momento novamente estou na chefia de departamento. E estou na chefia de departamento por um pedido dos novos professores que entraram e é curioso isso também, como a universidade pública não tem um chefe quer dizer você pode dizer para o seu chefe eu não te obedeco, não quero saber, sou contra você, o argumento que eles usaram para ser eu, eu não queria pois já estou perto de sair, “não, Helena nós fazemos todo o trabalho burocrático, é que toda hora que precisa de alguém que tem autoridade moral para falar com o reitor, para falar com o diretor, para falar com...” Não custa e eu sei que isso demanda experiência. Mas, agora tem outra coisa, João, que eu sinto muito e senti demais saindo daqui, eu conversei muito isso com a Maria Alice por causa da saída dela do IUPERJ para a PUC, a universidade, a universidade pública não é um lugar onde o ambiente de trabalho seja um ambiente de conforto, a UERJ está passando por um



momento muito delicado também, então, se são dias que os amigos de sala estão ali, está bem, senão... hoje eu estou tendo que combinar uma rotina de trabalho em casa e as aulas e atendimento lá. Então, eu vou pelo menos três vezes por semana eu estou lá, duas ou três vezes, o dia que dou aula e depois falo com os orientandos. Eventualmente, eu vejo e-mails. Se tiver que preparar uma aula e tal eu fico, mas a escrita, os meus livros, isso já é em casa.

J – A aula você prepara onde?

H – Em casa, em casa.

J – Você tem um escritório?

H – Tenho.

J – E você tem uma rotina em casa? Digamos assim, segunda-feira hoje é dia de preparar aula, terça-feira eu vou escrever.

H – Esse é o mundo ideal... eu tento, mas frequentemente, frequentemente eu sou atropelada por alguma coisa. O que demanda que é mais urgente, aí aperta para o dia seguinte. Mas, por exemplo, esse ano eu vou dar aulas as quartas e sextas. Então, segunda e terça eu gosto de estar em função dessas aulas.

J – Idealmente, você tem que reservar dois dias.

H – Sim, o que vai ser, quais são os textos, porque também a gente se cansa, e eu acho que deve-se cansar mesmo, de dar os mesmos textos todo curso, ainda que seja o mesmo curso a ideia é que você, sobretudo, algum tipo de curso, por exemplo, se é um curso eletivo que faz um certo balanço da literatura de intelectuais você está sempre alterando. Os cursos teóricos você tem uma frequência mais regular porque são textos que são canônicos você vai ter que passar por eles de alguma maneira, mas nunca passa da mesma maneira...

J – Você rele os textos?

H – Alguns sim, certamente. Mas, sempre que rele é diferente, João. Sempre que volta ao texto tem uma coisa... até esse de hoje, eu achei tão curioso, é bom você me falar isso. Hoje aconteceu precisamente isso. Esse é um dos textos pequenininhos que eu mais conheço que foi daquele livro da História das Ciências Sociais, eu vi aquele ser feito, vi a escrita, discuti aquilo no grupo da ANPOCS, tudo, o texto é todo muito marcado onde eu acho. Mas, daí ontem eu disse “não...” eu voltei ao texto e que coisa interessante, não tinha visto que o Sérgio tocava nisso, que coisa interessante isso, mas também porque [...] ele fala das revistas e anteontem eu estava lendo o texto de uma Argentina Cláudia [...], mas é maravilhoso o texto, ela falava muito das revistas, da recuperação dos intelectuais pelas revistas, eu não tinha prestado atenção que o Sérgio tinha

levantado. Então, eu acho que essa volta traz sempre uma perspectiva diferente do que você está tocando naquele momento. Quer dizer as leituras nunca são cumulativas a ponto de entender só aquele texto, elas são sempre agregadas ao que você está conhecendo naquele instante. Então, você lê textos de perspectivas distintas. Ano passado, da última que dei o curso, porque outras coisas me acionaram e eu leio aquilo com essa informação que está fora do texto.

J – Você lê comentadores, lê textos laterais, você tenta fazer isso?

H – Gosto, gosto. Acho uma pena que os estudantes hoje tenham mais dificuldade para ler. Eu acho que ajuda muito. Alguns comentadores abrem uma janela que texto nenhum te dá. Então, talvez de alguns autores eu controle até mais. Eu acho porque me associaram... quando eu entrei na UERJ o primeiro curso que eu dei dentro das Ciências Sociais foi de Weber. E aí ficou uma coisa esquisita, eu não sei porque... muitos anos depois uma aluna disse para mim que era porque nenhum autor dava aula de Weber direito, dava Weber falando mal dele, lia Weber como o Marx cobraria, e eu tinha sido a primeira professora que lia o Weber, discutia o Weber e tal. Então, eu acho que em função disso sempre que tinha curso e me pediam que fizesse, e eu tenho um número razoável de comentaristas mais do Weber do que dos outros, porque dei muito mais Weber. E é um autor que me provoca também, especialmente.

J – Quando você prepara a aula, com o seu texto, no seu escritório, com os comentadores, você chega a preparar um texto manuscrito ou você toma nota?

H – Não, não...

J – Fica na cabeça?

H – Fica na cabeça, isso é muito ruim...

J – E você entra em sala com a leitura na cabeça?

H - As vezes eu entro com o papel que eu quero. No começo, eu fazia muitas fichas. Eu tenho na minha casa, coisa incrível, uma gaveta – não sei o que faço com aquilo - com as fichas todas de aula, eu preparei a vida toda em fichas. Depois, eu não consegui fazer mais isso porque eu ia para a sala, mas a ficha estava aqui e eu tinha aquilo na cabeça. Eventualmente, voltava a ela, mas nem sempre. E agora mesmo que eu ponha aquilo escrito, eu acho que só de saber que está escrito ali me descansa, eu me lembro e vou... mas, eu gostaria de escrever, mas eu não tenho essa facilidade ou esse hábito.

J – Isso significa então quando você entra em sala com o texto objeto na cabeça a aula fica mais aberta ou você já entra também com uma narrativa?

H – Eu sei o que daquele texto que eu quero que eles entendam, que tenha discussão. Mas, eu insisto muito com os estudantes se cada um fizer uma pergunta a respeito de qualquer ponto do texto a chance de você cobrir o texto é muito maior porque por mais que eu selecione, quatro, cinco, seis, sete, oito pontos, as vezes eu faço isso, hoje eu fiz isso, e esse, e esse, quero falar disso! É uma evocação mais metodológica que o Sérgio fazia, aí a despeito se isso é verdade, se aquilo é ou não é, eu queria que eles entendessem o exercício que o Sérgio estava fazendo de explicar para o leitor o que conduziu aquela pesquisa, de que maneira ele conduziu. Então, para você fazer uma pesquisa você precisa do que? Você precisa de uma boa fonte, você precisa do que condiciona aquilo, você precisa de atores que são da área, o veio institucional que ele pegou, então eu tinha na cabeça o que eu queria que eles... eu cheguei e falei 1H30min...

J – É comum? Mais ou menos essa ...

H – As vezes não, as vezes eu abro e quero que eles falem.

J – Na pós é bem diferente ou é similar?

H – É diferente. Porque a pós eu tenho mais controlado isso para mim. Sempre é uma literatura ou outra, então eu tenho ali uma coisa mais controlada. Mas, eu gosto sempre de abrir para ouvir o que eles, a percepção que eles tiveram daquele texto. As vezes, eventualmente, se a turma é muito boa aquilo pode refazer a ordem que eu iria conduzir. As vezes acontece isso. Mas, cada dia menos eu acho. A gente está falando isso também.

J – Entendi, entendi. Você usa ainda, fora comentador, quando prepara uma aula, dependendo se eletiva ou obrigatória, algum outro recurso? Por exemplo, você gosta de ver um filme ou pesquisar alguma coisa na internet, imagens, alguma coisa que você goste de acrescentar...

H – Na UERJ não tem como porque é uma logística... agora, esse curso que o Walter vai dar ele já falou que tem dois filmes, aí está bem, nós fazemos. Mas, é um tempo importante de conseguir a sala, de fazer, não é uma coisa tão automática, mas eu acho que eu não sei fazer muito isso, João. Eu não fazia isso aqui, eu não sei fazer. Eu achava muito interessante quando os estudantes faziam, mas não é, acho que não fez parte da minha socialização lá atrás, não sei... não sou uma pessoa boa de visual.

J – Como você avalia os alunos em geral? O que você gosta de fazer?

H – Eu não abro mão de prova, não abro. E não abro e explico para eles no começo e nunca uma turma me disse no final que não tinha sido bom. Por que? Eu falo com eles o seguinte “é o único momento que eu tenho para ler e saber se eles conseguem dizer o que querem dizer” é elementar, não é nem conteúdo, não é nem uma avaliação rigorosa, conceitual, eu quero saber

se aquilo tem começo, meio e fim. Eu tive uma experiência de um estudante muito nervoso porque eu li, era o tal curso do Durkheim, eu gostei, ele me impressionou, eu quero e a minha mão não me obedece, quer dizer tem uma diferença entre a compreensão, o entendimento e a escrita. E eu não abro mão por isso, eu acho que é uma coisa terrível, são muitas provas, e frequentemente... eu sei como é que o ensino público está porque a UERJ tem um contingente grande que vem da rede pública. Então, eu já sei que não tem mais o infinitivo, acabou, saiu da rede pública, “eu vou dar” o estudante eventualmente coloca o acento no “a” não tem mais o “r” mais, não tem, é terrível. Eu vou sabendo e isso muda também, isso tem três anos essa alteração assim... O quer dizer isso que quando falo algo com Mário de Andrade, eu sei o que ele queria dizer, então tem problema de concordância, tem problema de escrita. Mas, já fiz uma experiência no doutorado que os estudantes reagiram pessimamente e depois me agradeceram que foi, eu disse, “nós vamos fazer o seguinte...” - não sei se já te contei isso, foi a única vez que eu fiz - eu disse “vamos começar o curso sabendo o seguinte vocês todos tem 10...”

J – Vai descontando...

H – É. “cada aula, nós vamos ter 10, 12 ou 13 encontros, tirando o último e o primeiro. Tem uma literatura que eu quero que vocês tragam um resumo, um comentário, uma resenha que seja escrita à mão. Então, eram dois problemas primeiro levar e depois só podia ser à mão.” E aí teve tudo, reação de todo o jeito. Eu falei “Vamos fazer a conta. Um dia não pode, teve dor de cabeça, morreu a mãe, o pai, brigou com o namorado, não importa, não veio menos 1, tem 9.” Isso era uma nota e a outra era um trabalho no fim que iríamos fazer uma prova em sala. Isso tudo era, porque eu estava muito impressionada, eu acho engraçado na atividade docente, esse foi um ano, um semestre que tinha sido antecedido pela minha participação em cinco banca de concursos, uma coisa maluca, cinco bancas. E em três dessas cinco bancas eu tinha candidatos que tinham vindo da UERJ. A diferença da escrita, da simplificação dos meus, digamos que vieram de lá, era tão grande em relação aos outros, nenhum deles passou, que eu disse tem alguma coisa que veio com a gente, não é possível porque não tem treinamento para eles fazerem. Então, eles reclamaram muito, mas fizeram o curso, escreveram, e no final do curso uma das meninas, abriu um concurso na UNIRIO, e ela foi, era uma literatura, era um curso teórico, e um dia ela me encontrou no corredor “Helena, eu passei no concurso quero te agradecer foi aquele curso.” Mas, isso eu fiz uma vez só. Em geral, na pós-graduação é um trabalho e na graduação eu não abro mão de prova, de jeito nenhum. E se eu estou muito mais animada a cada mês e meio tem uma, já fiz curso na graduação que os estudantes fizeram quatro

provas, mas isso é mais raro. Agora eu previ duas e sugeri como é um curso de Sociologia V, que é sociologia brasileira, que se alguém quisesse além da prova fazer um trabalho para trabalhar com intelectuais, com cientistas sociais de geração diferente porque eles não a menor noção João, isso é uma coisa também, eu não sei se isso... talvez porque na naquela época, mas eu não vejo eles tão informados sobre os cientistas sociais novos, entendeu? Porque na minha época a gente lia sociologia brasileira Florestan, Caio Prado, todo mundo lia aquilo tudo, e ia para a ANPOCS estava lá o grupo que estavam os intelectuais todos falando. O meu grupo nunca foi de política, mas eu nunca deixei de ver porque tinha análise de conjuntura. Então, eu podia não saber ou nunca ter tido amizade com nenhum, mas eu sabia quem eram os cientistas sociais daquele momento, daquela geração, eles não têm noção, não tem noção. Primeiro, eu acho porque aumentou muito, tem uma democratização importante na pós-graduação, ampliou imensamente e acho que não sei... acho que a gente divide essa formação com muitos mais estímulos fora da universidade. Fora o fato que hoje eu ouvi dos estudantes do quinto período que eles querem saber o que eles vão fazer com a vida... tem uma angústia que eu não lembro de a gente ter tido, mas também nem existia pós. O meu primeiro trabalho foi na graduação o outro foi na pós, trabalhos que eu nunca deixei... eu estive em duas instituições na vida depois do mestrado, que foi o CPDOC E A UERJ, acabou. Fora a Cândido Mendes que foi aquele período, 13 anos de ensino privado.

J - Você já está falando sobre isso, mas se você pudesse sintetizar qual a diferença que você vê entre os encontros de aula que você tinha no começo da carreira e de hoje? Quando eu falo encontros é porque claro que você muda eventualmente ou mantém, mas a aula também são os alunos, o cenário, quais as principais diferenças que você vê?

H – Olha, se eu comparar a Cândido Mendes com a UERJ é uma diferença brutal...

J – Mas, e UERJ e UERJ, UERJ 1989 e UERJ 2016, o que muda nas aulas?

H – É enorme, mudou, mudou. Nas aulas eu não sei tanto, mas no público mudou muito. Quer dizer a primeira coisa que me impressionou na UERJ foi que eu tive sempre o hábito de falar com os estudantes se eles quiserem conversar, que estava à disposição, nunca na Cândido Mendes tinha ninguém me esperando, nunca tive, em treze anos, nada por nada... E falei isso na UERJ como sempre falo e quando saía de sala tinha uma filinha, tinha uns 10 “professora, o que é isso?” isso em 1989 “professora, queria saber da senhora, queria orientação, queria livro”. Então, havia uma diferença muito grande porque também aconteceu uma coisa curiosa quando a gente entrou o curso na UERJ estava muito, estava querendo melhorar, mas era muito

ruim. Eu fiz parte da geração que entrou depois de que uma pioneira, que foi um ano antes, quis alterar o departamento, abriu um concurso e eu entrei no mesmo concurso que Luiz Adolfo, [...] Zé Augusto Rodrigues, entraram cinco, então já era um departamento com dez pessoas entram cinco novos e ninguém se conhecia e isso produziu uma dinâmica diferente lá. E esse seminário deu uma visibilidade muito grande à UERJ, estou dizendo isso para dizer o seguinte no ano seguinte ao seminário em 1992 nós tivemos uma relação quatro para um, coisa que nunca houve antes e nunca se repetiu depois, quatro para um. Significou que a turma embranqueceu, foi obvio, era uma coisa completamente evidente, a primeira turma que eu peguei na UERJ era uma turma de mulatos, negros e pouco branco e depois que teve essa expressão, teve uma vez que saiu uma matéria no jornal, a PUC colocou tem todos os pilotos, “Ciências Sociais na UERJ”, que eu fiz uma matéria e foi para o jornal, e aumentou muito, tinha muito jovem da zona sul, era uma faculdade, universidade pública, com um curso que estava sendo avaliado e tal e aí nesse momento os cursos dos anos 1990, eu tive durante três anos consecutivos os primeiros lugares do IUPERJ eram os meus alunos que vinham da UERJ, isso não se repetiu depois com essa regularidade. Então, eu diria que aquele começo, 1992, 1993 e 1994 foram uma... era como se provocasse uma chuva num lugar que estava esperando só aquilo para florescer. E essas pessoas foram e fizeram a pós-graduação e seguiram, são professores e tal. Depois disso diminuiu, teve um período ali na entre safra, a universidade menos estimulada, e aumentou depois com a política de cotas nós temos muitos mais estudantes populares. Isso tem um certo efeito no curso de ciências humanas, não é nem o efeito de baixar tanto nota e reprovação, não é isso. Eu diria que é até uma possibilidade de estudo que aquela turma dos anos 90 um pouco melhor tinha. Eu tenho estudante que mora em comunidade mesmo e não tem como estudar. E eles ficam na UERJ o tempo que puderem ficar porque as vezes eles têm que trabalhar e dividem o tempo com o estágio. Tem uma alteração grande, mas eu tenho dúvidas se isso é só a UERJ ou nós temos mesmo uma alteração grande de jovens que vão para o ensino superior e o nosso curso ainda é um curso menos competitivo, talvez, uma relação candidato vaga melhor. Por exemplo, outra diferença enorme: eu dei aula à noite nesses últimos três anos, então os estudantes chegam em sala, raríssimo, no turno da noite que não tenham trabalho de dia, quer dizer não tem leitura. Hoje de manhã quando esse menino veio falar comigo, você vê o texto todo escrito, está lido, todo riscado, “não entendi essa palavra...” a turma inteira não, de 27 eu tive na sala hoje 23, durante 1H30min e ninguém saiu, não tocou o celular, e eu vi que eles estavam ali no primeiro dia não sei como isso vai... Então, eu não sei

como isso varia se é noite ou dia, se os cursos matinais são melhores do que os noturnos e muitas vezes alguns dos noturnos são mais atentos, mais adultos, mas também não dá para você puxar muito. Uma coisa que dá muita dúvida é saber se dessa turma grande quantos irão seguir na carreira, né? A gente tem pelo menos dois exemplos maravilhosos, André Salata está brilhando na PUC do Rio Grande do Sul, eu cheguei lá e fiquei encantada, ele fez doutorado no IFCS com a Celi, mas ele diz que a sua graduação é na UERJ, não esquece. O que eu acho João, uma vez eu comentei com alguém brincando e é horrível quando você comenta alguma coisa brincando e aquilo vai se traduzindo em uma certa verdade, eu me formei na instituição tal e aí você pergunta, em que período? Quer dizer, eu sei que tem momentos desses 25 anos da universidade que se os estudantes escolheram tais, e tais, e tais disciplinas ou professores eles foram de uma maneira se dependeu daquela organização canônica ali, mais burocrática que tem que acontecer aí eles terão ou não bom desempenho. Eles são muito dependentes do tipo de contato que tenha com o professor, porque as outras coisas não são tanto.

J – Para terminar essa parte das aulas, se você pudesse descrever qual foi a experiência de aula que foi mais gratificante e uma decepcionante. Se você pudesse identificar o que fez aquilo dar certo...

H – Eu acho que o primeiro curso que eu dei quando entrei na UERJ do Weber que era sociologia alemã, daquele curso saíram uns quatro, cinco estudantes para a pós e fizeram as suas vidas não necessariamente em Ciências Sociais, uma está dirigindo no Ministério da Cultura, concursada, outra..., mas, enfim aquilo ali foi e acho que havia um entusiasmo grande meu de estar entrando numa universidade pública e tinha que sanar muito forte... a universidade muito politizada também e me lembro, brinco com ela até hoje, o meu sucesso maior foi com ela, ela era uma líder sindical, mas muito boa estudante, era a minha melhor aluna e era toda, ela identificava Weber como o anti herói para tudo que ela tinha escolhido e foi a melhor aluna e fez uma avaliação do curso como oportunidade única. Eu acho que aquela turma, aquele momento, mas era um momento que eu cobrava, cobrava e cobrava. A cada três, quatro textos eles tinham que escrever, nem sempre eu consigo fazer isso. E texto, e curso como te falei um que fiz aqui uma experiência, era uma turma pequeninha e eu pensei: então, ao invés de ficar lendo todos eles vamos ler uma coisa inteira. Nós ficamos quase como um grupo de estudos “A divisão do trabalho” foi uma experiência muito legal. Na pós-graduação, sempre curso de teoria, mas eu acho sempre menos interessante a pós-graduação do que a graduação.

J – Eu também.

H – É estranho isso, acho sempre menos. Porque a pós tem um viés assim: se o estudante está estudando, se a pesquisa dele está relacionada a um tema, a um problema, ele acha que a outra coisa que está dando sendo dada não é para a minha pesquisa, não adianta. Tem uma instrumentalização que... e a graduação eles querem saber, quem se liga ali quer saber, então eu sempre acho melhor a graduação, gosto mais.

J – E orientação, Helena? Hoje você tem quantos orientandos?

H – Pois é, eu as vezes acho que eles têm melhor avaliação de mim do que eu deles, deles não, de mim com eles. Não acho que eu sei... porque assim isso não combina com o que eles falam de mim, mas combina com o que eu sinto. Porque assim... ou eu não atraio os melhores estudantes, não sei, e aí os que vem precisam muito, precisam, é tão BA BA, que eu acho que não está fazendo nenhuma diferença aquela conversa. Terminou um trabalhinho eu acho que está bem. Com raras exceções, eu não vou dizer nomes para não atrapalhar os outros. Mas, eu teria comigo umas duas ou três exceções. Agora tem um doutorando, uma na graduação que é ótima, duas no mestrado e... dois no mestrado, um no doutorado, duas na graduação, é isso.

J – Como é que é sua dinâmica de trabalho com eles? Você costuma fazer reuniões coletivas com eles?

H – Faço, faço. Eu inventei isso há uns dois anos atrás e foi muito bom, marquei, por exemplo, vou começar sexta-feira, essa sexta-feira não porque eu vou conversar com o João. Mas, depois da aula de sexta eu quero comer alguma coisa, um sanduíche, etc., e fazer uma reunião com eles todos, cada um vai dizer ao outro como está e aí, eventualmente, sempre acontece isso, depois uma coisa privada com cada um deles. Não nesse dia, mas isso provocou uma conversa entre eles muito legal, muito interessante, dito por eles também e por mim mesmo, quer dizer tinha uma encruzilhada da pesquisa de cada um que a conversa ajudou a desembaraçar, então duas dissertações saíram. A menina queria desistir do mestrado e teve uma banca no final, da Amanda, e nós fizemos isso durante 1 ano e meio, o tempo inteiro da pesquisa dela com o Tiago que vai fazer agora, ele termina em fevereiro, e essa do doutorado. Então, era um grupo de cinco, dois da graduação que já fizeram a monografia e ele que vai defender em fevereiro, está escrevendo ainda, Paulinho teve a qualificação, Amanda que defendeu ano passado e a Isabelle que vai qualificar o doutorado agora. Então, tem essa conversa que quebra o isolamento que eles têm e que o orientador tem também. Mas, eu não fico sem ver, sei lá um mês eu não fico, começo a mandar e-mail, cadê, o que está fazendo, volte, vem aqui, venha conversar... mas, é difícil porque ou eles estão trabalhando ou é uma coisa na brecha do tempo que eles tem



para fazer. E é muito variável também, tem gente que sabe mais objetivamente o que quer fazer e ao contrário da Alice que você disse que qualquer ponto que vem ela faz daquilo uma, né?! Eu não sei fazer isso. Eu fico ali com o que é possível para eles fazerem, então. Eu sou muito crítica de mim nisso, eu acho sempre que podia ajudar melhor, podia fazer melhor, se tivesse não sei... não combina com o que eles dizem, mas eu não tenho essa avaliação que eles têm, de jeito nenhum.

J – Entrando na pesquisa, Helena. Você tem uma longa experiência como pesquisadora. Como é que surge para você uma pesquisa? Primeiro como ideia e etc. Você é demandada, são ideias que você tem e você procura correr atrás ou você vê um edital e pensa vou bolar algo para isso aqui. Como que é? E você já mudou, né? Você já foi de um jeito e hoje é de outro.

H – Mudou muito João. Porque, por exemplo a primeira pesquisa, que eu diria mais genuína foi essa eu fui atrás, me impressionou, corri e fiz, foi a do mestrado. Até hoje eu tenho uma lembrança muito forte dessa invenção, uma experiência de trabalho com os professores que falavam e escreviam certas coisas, uma literatura que tinha me mobilizado muitíssimo e um campo que eu defini lá como redação que os estudantes iriam fazer a respeito de Brasil, o que eles achavam a respeito de Brasil e tal. Ali foi uma pesquisa que nasceu de uma curiosidade, então ela foi muito menos instrumental. Podia ter sido como dissertação de mestrado, mas não foi. Foi quase o inverso. Aquela pesquisa se transformou numa dissertação. Do CPDOC o começo aqui foi uma pesquisa de eu integrei um grupo, quer dizer a Ângela veio para coordenar com a Aspásia um grupo de pesquisa para a avaliação da abertura dos anos 30, a constituinte e tal, e eu entrei responsável por um dos estados, porque cada um de nós tratava da conjuntura de um estado, peguei Minas ali. E essa combinação de Minas com educação num certo sentido meio que ficou. Ai muito misturado, tem hora que vem como demanda e tem hora que vem como demanda minha mesmo, por exemplo, o Darcy apareceu quando eu fui provocada, tem sempre uma provocação para fazer o concurso de titular. E eu estava as voltas, um pouco impressionada com a experiência do CIEP, eu tinha orientado Raquel e muito em função do trabalho que ela teve comigo aqui de educação que eu fiz muitas coisas aqui também, um misto de demanda com interesse seu que aparece no meio. Por exemplo, eu fiz uma pesquisa de educação que foi uma demanda, mas no meio disso descobri que havia uma distorção na formação de professor que eu fiquei curiosa para saber. Aí eu fui atrás de dinheiro, consegui e Raquel fez comigo essa pesquisa. Quantos cursos de graduação a gente tem em pedagogia e para onde vão esses professores? Quantos estão em sala de aula e quantos não estão? E o que

isso tem que ver com crise de formação de professor. Então, as vezes a pesquisa nasce por demanda e as vezes por vontade e segue, dos intelectuais da tese depois foi seguindo aquilo ali vai desdobrando, não sei... eu agora, por exemplo, tenho uma vontade imensa de descer um pouco numa pesquisa sobre um arquiteto que é o Lele, que eu ainda não consegui isso na época que a gente tem entrevista marcada ele piorou muito e acabou morrendo. Mas, ela tem uma conexão com o projeto anterior, tem conexão com a maneira que ele traduziu arquitetonicamente o projeto político e educacional do Darcy, era uma utopia que o Darcy tinha e que o arquiteto cruzou ali para fazer. E quando ele fez uma exposição em Brasília de toda obra dele eu pensei que tinha uma coisa de arquitetura muito próxima de sociologia e a gente chegou a conversar sobre isso um pouco num almoço. E aí foi quando desvirtuou porque ele adoeceu. Então, eu acho que tem uma coisa um pouco de acaso, tem uma coisa um pouco de... acho que sim isso.

J – E como você consegue na prática fazer? Você prepara a aula, tem o seu dia a dia, você é chefe de departamento... você consegue reservar, por exemplo, agora nesse mês só vou me dedicar a pesquisa? Ou é quando dá?

H – É muito misturado, é muito misturado...

J – Já foi diferente isso?

H – É diferente quando... já. Aqui teve uma época que a gente ficava mais concentrado, depois não tanto. Mas, teve uma época que ficava mais. E, por isso é que eu dou um valor imenso a essas saídas. Você fica três meses fora. Tem uma rotina nossa que foi muito alterada, foi, de fato, muito alterada. A sensação que eu tenho hoje é que eu trabalho o dobro e sou muito improdutivo. É muito estranho isso. As vezes eu associo isso ao e-mail, porque o e-mail tem gente que não entra no computador, acho isso mais inteligente. Mas, eu entro e se entrar e perguntar eu tenho que responder, então se eu tiver que responder aquilo eu paro e depois que eu fizer isso que eu vou... sempre fica a pesquisa para depois, entendeu? É isso que eu acho que está ruim agora, não é uma coisa boa por isso. E orientar dá muito trabalho, João. Dá muito trabalho. Porque ele leu e não é aquilo que leu, essa escrita não é aquela, é muita coisa, você tem o magistério na sala e tem outro que é fora.

J – A experiência de orientação se aproximou da ideia de uma pedagogia, é isso que você está dizendo?

H – De uma pedagogia... não, mas não pode...

J – E a pesquisa fragmentou?

H – Acho que sim. Eu sinto falta de estar num grupo de pesquisa.

J – Isso também se alterou? Era diferente?

H – Alterou, alterou... acho que sim.

J – Você tinha mais pesquisas coletivas e hoje você tem poucas...

H – Eu não sei se era a pesquisa coletiva ou um ambiente de conversa coletiva que eu acho que essa também é uma diferença grande e eu tenho visto muitos professores de rede, de universidade pública falar isso. Ou você cria um grupo de pesquisa dentro da esfera pública, da universidade pública e aí a conversa se mantém ou você não tem nenhuma regularidade no encontro com colegas com quem você trocaria certamente. Eu acho que a pesquisa na universidade muito individualizada também. Não sei se só na universidade, não sei se só. Você faz parte de grupo aqui?

J – Aqui não, aqui não. Você saiu, Bernardo está em São Paulo...

H – Eu sinto falta porque isso é onde acontece, acontece quando a gente inventa curso juntos. Puxa, a gente podia continuar essa conversa, mas tem gente que tem grupo de pesquisa e se reúne e tem um campo e traz resultado de pesquisa empírica, isso que Bianca conseguiu fazer, lá na UERJ o grupo que mais faz isso é o grupo de movimento social ou o de religião. O de religião tem menos hoje, hoje o que mais está é... ali sai um projeto, tem uma coisa, tem uma conversa, mas não sei se tem muitos além desse, não sei...

J – À que você atribui não ter mais ambiente coletivo de conversa?

H – No meu caso acho que a culpa é minha. Eu podia ter ido para o IFCS, grudar no André e ficar lá um pouco, mas não tem como também. Quer dizer onde estão as pessoas que estão trabalhando com o que você está podia render. Não tem ninguém na minha universidade que trabalha com essas coisas mais. Tem essa conversa com o Walter Sinder e um pouco com o João Trajano, mas João é responsável por um laboratório de estudos da violência e tal. Então é muita coisa que ele faz nessa direção. E o Walter tem a PUC então faz uma... eu acho que fico mais sozinha mesmo, fica...

J – E a escrita relacionada à pesquisa, como funciona para você? Você tem de início uma certa clareza do que você quer fazer quando você vai começar a pesquisa? Estou começando uma pesquisa sobre o Darcy, vou escrever um livro. Ou estou começando uma nova pesquisa sobre a nova classe média com a Celi e quero escrever só artigo daqui um tempo... Primeiro você tem essa clareza ou você deixa rolar?

H – Não, eu acho que é menos controlado do que isso e um pouquinho mais controlado do que deixa rolar, está no meio. Ontem, por exemplo, eu tenho esse convite da Alejandra de pensar num texto junto sobre os exilados e o encontro dos intelectuais no exílio o que significa isso e uma certa geração movida um pouco por um anti-intelectualismo, a ligação disso com a institucionalização das ciências sociais, eu gosto muito dessa, dessa... ela convidou sem saber na linha certa porque é o que me interessa muito. Então, eu comecei lá, cadê, o que é, o Darcy foi para o Uruguai, chegou lá, lá ele escreveu na universidade, ele escreveu aquilo porque saiu daqui embalado com Brasília, tinha acabado de escrever um texto sobre Brasília, os três tempos que mobilizaram o desenho daquela universidade e isso, chega lá que livro ele escreve lá? Universidade Necessária. Eu vou ler o livro e digo isso aqui é isso, é paixão de Brasília mais essa coisa latino-americana dele, mais bem... Li o livro e como é que começa? Eu preciso começar. Ontem foi uma maravilha que eu disse para todo mundo que eu não estava em lugar nenhum, me chamaram para uma reunião na UERJ, eu disse “eu sinto muito que tinha uma entrevista na Barra”, me chamaram eu disse “sinto muito”, eu fiquei quietinha em casa o dia inteiro, a rádio MEC... se sair uma página o texto me leva. E saiu. Agora eu vou, agora eu vou atrás dele, eu sei um pouco o que eu quero fazer ali, mas não é uma coisa tão controlada quanto Ricardo tem. O Ricardo escreve quando ele tem todo aquele esquema da primeira frase a última na cabeça.

J – É isso o que eu ia te perguntar, você...

H – Não, não.

J – Não, não necessariamente. Mas, você faz um esqueminha?

H – Não.

J – Vai direto para o computador?

H – Vou para o computador.

J – Porque a Maria Alice fazia na mão.

H – Mas, eu fazia isso até três anos atrás, cinco, sei lá quanto... aqui no CPDOC. Se era coisa séria primeiro tinha que ser à mão, agora eu não tenho mais isso, eu posso ir direto. Mas, estou escrevendo pouco, estou escrevendo muito pouco. Estou escrevendo muito pouco e eu acho que a minha saída daqui foi mais impactante para mim do que eu imaginei. Porque eu nem tenho essa expressão viva emocional. Eu tenho é uma... primeiro, eu vivi como “bom, agora está bom Helena, acabou, está na hora, é isso mesmo, tem um tempo a profissão, agora você vai fazer outra coisa, vai ler romance e tal” eu comecei a me afastar disso, mas eu estou na

universidade, então lá também eu tenho que prestar contas dessas... “Não, agora estou aqui com os meus estudantes” eu fiquei um ano e meio um pouco sem saber, tá voltando eu queria acreditar...

J – Vem tudo de uma sentada ou você também... você teve um dia ontem, mas em um dia você não escreve um livro nem um artigo. Fragmenta a escrita. Vou ser sincero para escrever alguma coisa, por exemplo um artigo que eu tive ideia eu preciso de uma semana para terminar ou não. Ou, por exemplo arranjei uma sexta, daqui há um mês arranjei outra sexta é mais assim?

H – Tem isso assim, mas tem uma coisa que funciona muito comigo.

J – Que é o que?

H – Tem um prazo dia 10 que eu coloquei com a Alejandra, dia 10 eu quero entregar antes, mas é esse o prazo. Eu funciono muito na pressão.

J – Que você se dá?

H – É, é pressão minha. Porque aí é o que eu preciso para dizer “não posso” estou ocupada até dia tal. Então isso eu funciono bem com pressão, eu não gosto de falar isso não, mas é isso. Nem acho isso tão bom. Então, ontem fiz isso. Hoje se eu chegar e tiver eu volto nele, mas ele já começou. O texto quando começa, sai. Então, está bem. A próxima vinda minha eu quero tratar desse livro aqui com esse argumento que eu estou querendo levantar aqui, então é essa tarefa, e vou indo, vou indo e vai. Não é tão difícil para mim escrever, é difícil saber o que eu quero falar, isso é que é difícil. [CONVERSA PARELA 1H05MIN]

J – É difícil saber o que você quer escrever.

H – É. O que eu quero com isso.

J – Na verdade como você não tem ele todo estruturado você vai saber no meio, do meio para o final, você vai saber do que se trata.

H – É. Uma vez eu vi o João Manoel falar como ele escreve novela, eu falei “caramba”...

J – Parecido?

H – Ele disse primeiro é o prazo, aquilo sufocando ele e vai. E depois ele nunca sabe o texto, ele tem que saber como ele quer começar, ele tem que saber o que ele quer fazer, mas o texto conduz muito ele também. Eu falei ué, então isso não é defeito completamente. É uma maneira de... mas, eu acho que eu preferia saber mais, eu quero tratar disso mais daquilo e mais daquilo, com mais detalhe que eu tenho a impressão que seria mais organizado para fazer... mas, não adianta né João?

J – E como você escolhe, como é que você escolhe o que vai fazer com o texto depois que escreveu? Escreveu o que parece ser um ensaio, um artigo de 20, 25 páginas. Eu vou mandar para onde?

H – Mandei para que? Tem oito meses que está lá e ninguém fala nada. E não sei se posso mandar para outros, se devo mandar para outro, está nisso. Muitas vezes eu escrevo porque alguém pediu.

J – Isso vai ficando mais comum quando você vai ganhando mais...

H – Isso pode ser acadêmico ou profissional, que eu digo assim “Ah Helena eu tenho uma coletânea sobre tal coisa e queria que você escrevesse”. Então, eu já sei que aquilo vai para ali. Umás três coisas que eu escrevi aqui eram livros que saíram do Brizola, do Jango, me convidam e eu escrevo para aquele fim ali. Então, você entrega e acabou. Mas, agora tem essa pressão que livro não vale nada, que capítulo não vale nada, que você tem que escrever artigo, não tem isso?

J – Te afeta ainda?

H – Muito, enquanto eu estiver em alguma instituição afeta demais João...

J – Porque você já está num estágio da carreira que...

H – Não estou, ainda estou na universidade, estou atrapalhando o programa. Eu acho que eu deveria sair da pós-graduação e ficar lá só, de vez em quando eu escrevo e trabalho com os estudantes e tal. É outro ritmo, é outra coisa muito diferente. É muito diferente, em parte eu acho que era mais fácil para mim escrever antes do que agora. Tem uma sensação brutal de que eu estou escrevendo uma coisa que já está completamente sabida, que não tem nada de novo naquilo, que não tem nenhuma razão para eu estar escrevendo aquilo. Eu ontem conversava com uma amiga e ela dizia “eu não escrevo mais por isso, Helena...” eu tenho sempre a impressão de que se você não mergulha muito fortemente numa literatura ou numa questão nova ou em alguma coisa que esteja te desafiando e do resultado daquilo pode ser uma... ou uma pesquisa empírica documental que você por ali não andou ainda, ou uma pesquisa empírica mesmo dessas de pesquisa mais aplicada, é muito difícil você achar que está falando alguma coisa nova e aí “porque eu estou escrevendo isso? Tanta gente escreveu melhor” tem isso. Quando eu vejo um crítico que eu estava falando, o porto-riquenho...

J – Arcádio.

H – Arcádio falar e a conexão que ele fez lá, eu pensei “Meu deus esse homem estava em Yale quando o Morse estava”. Então essa é uma geração... ai me dá uma vontade imensa de voltar

onde eu já andei com essas pessoas e pegar aquilo de um outro lugar com outra informação, com outra... ai me dá aquele entusiasmo. Mas, você é atropelado. Eu acho que tem uma coisa muito, muito demandante agora e não sei se tão produtiva. Mas, acho que essa frase banal que todo mundo está falando isso. Todos. Você conversa com os pesquisadores 1A, também conversa com pesquisador que nem faz tanto, está todo mundo um pouco assoberbado com esse excesso de demanda, de relatórios, de sei lá, de prestação de contas, de atendimentos, de sei lá...

J – Agora a última parte da sua vida Helena o que vou chamar de associativa, de pública. Você é chefe de departamento e etc., você já foi diversas coisas na sua vida como profissional das Ciências Sociais o que mudou da relação do profissional com a instituição onde ele está? Com os seus corpos deliberativos, etc., enfim... você já deve ter sido chefe de alguma coisa no começo dos anos 1990 ou já foi representante de alguma coisa no começo dos anos 1990. E hoje você é de novo. Tem alguma diferença na dinâmica colegiada e tal?

H - Aqui, aqui a minha experiência maior foi da coordenação da escola. Antes era uma coordenação de pesquisa, mas que era uma coordenação estranha, porque você não coordena pesquisa, você coordena pessoas, mas também não manda nelas, não pode nada, você tem o papel de pedir a elas que cumpram tais coisas, sistematizar informações que venham das atividades que as pessoas fizeram, então não conta muito. Na escola conta. Tem uma diferença imensa na coordenação daqui e da chefia de departamento, por exemplo, se eu convidar para uma reunião de departamento, se não tiver uma coisa muito séria e ameaçadora que se as pessoas não forem elas possam ser prejudicadas dificilmente elas irão, isso é muito triste. A capacidade de mobilização coletiva hoje é muito menor, é assustadoramente menor. Tem reunião do colegiado na universidade, da pós-graduação que não tem 10% dos professores, isso eu acho terrível, você vai me dizer isso é agora, mudou agora, mudou antes. Eu acho que piora um pouco agora e aí é a força e a fraqueza da rede pública, do ensino público, porque você não tem, você tem um regimento, você tem um colegiado que diz que as pessoas têm que fazer tal coisa, mas se elas não fizerem você não tem nenhuma maneira de alterar aquilo, a não ser que o grupo que esteja coordenando consiga um pacto ou peite mesmo aquilo e consiga apoio para... mas, ai significa uma cooperação, uma união que nem sempre é muito possível, então eu acho que a universidade tem uma cooperação muito individualizada, se é o meu grupo, se é a minha pesquisa, se é o que eu acredito, funciona assim. Não tem muito... é muito você com a sua consciência e com a noção que você possa ter de responsabilidade. As pessoas não são más,

não é isso, é um etos esquisito, muito mais solto, a minha queixa hoje é... isso o espaço ajuda, né? Se as pessoas têm mais chance de trabalho em casa, a UERJ não é exatamente ali, então para que você vai para lá se você não sabe se aquilo vai acontecer. Eu acho que tem uma diferença em alguns jovens que chegam com uma preocupação muito mais forte com a própria carreira e não com a instituição e não estão entendendo que se a instituição fraquejar essa carreira não acontece também. Acho que tem uma coisa um pouco mais individualizada talvez até por essa nova exigência agora, nós não éramos avaliados individualmente assim, passamos a ser de 15 anos para cá, então eu acho que isso alterou um pouco, alterou. E tem uma coisa que eu sinto, que eu acho estranha que é o inimigo principal pode ser o colega, você entendeu? É estranhíssimo isso, é até mais do que a coisa externa que possa...

J – Te constranger...

H – Constranger ou te ameaçar. Então, eu sinto só isso. A única coisa que na universidade pública faria uma diferença enorme seria a capacidade de cooperação, seria isso, a força seria dessa. Porque as pessoas são qualificadas, elas podem fazer, porque a gente não tem coisas, falta, falta muita coisa para aquilo ficar um ambiente... mas, nós também estamos vivendo um momento especial, estou falando de um momento difícil do ponto de vista institucional que a UERJ está vivendo talvez a sua crise mais aguda e do ponto de vista institucional e interno a gente teve uma alteração brutal com o constrangimento de ter que criar um instituto, nós estamos muito no começo.

J – Helena, uma das últimas perguntas tem a ver com isso que você está falando. Você esteve ou está envolvida em alguma atividade em que você esteja falando, se comunicando com o público que não universitário, acadêmico?

H – Não, tipo o que uma associação?

J – Escrever para jornal ou fazer uma pesquisa que na verdade você esteja apresentando ela para um público que te contratou, uma ONG, alguma coisa que seja...

H – Já fiz, agora não.

J – É. Já fez, foi mais episódico, já teve um momento...

H – Foi mais episódico. Eu nunca fui muito de regularmente estar numa atividade dessa, não. Eu fiz isso uma época no SENAI, no SENAC, e fui lá algumas vezes falar para os empresários que tinham que ver com a pesquisa que estavam pedindo. Não, não...

J – Consultoria já teve?

H – Pois é, foi nessa fase.



J – Foi por aí...

H – É, é, mas não com associação assim.

J – Tipo jornal também, você chegou a escrever?

H – Não, muito pouco também e lá atrás.

J – E partido foi parte da sua vida? Não foi né?

H – Não, não.

J – Que tipo de atividades, não precisa ser essas, públicas, digamos assim, que você sente falta, que você gostaria de ter na tua rotina isso ou na sua nova experiência de trabalho?

H – Eu acho que tem uma certa nostalgia de uma experiência de grupo, eu acho que estou falando disso há um tempão aqui. Eu tenho um pouco essa nostalgia de um ambiente em que pessoas pensem conjuntamente alguma coisa, pode ser do ponto de vista de intervenção, pode ser do ponto de vista de criação de pesquisa de interesse, pode ser de... então, eu fico querendo puxar o departamento para a gente alterar quem sabe o curso, o que a gente podia fazer junto, quem sabe um professor junto que sabe com o outro que sabe inventa um curso que seja uma mistura dos dois, os estudantes saberem, mas é difícil eu não sinto que tenha essa energia, não é culpa de ninguém, não acho que é por maldade não, é uma inercia João, uma... mas, que pode ser por um momento do departamento tem gente nova chegando e eu sempre gosto dos novos, eu acho sempre que tem... eu não acho que eles não tiram nada dos outros, acho que dá uma animação diferente, agora, por exemplo, o grupo que entrou de sociólogos para a licenciatura, para a sociologia, mas para cuidar um pouco mais de ensino quer criar um grupo no Cnpq de Educação e Ciências Sociais e quer que eu seja liderança, não sei o que e tal, então está bem, vamos começar, que dia que pode reunir e ai começa...

J – Eu sei o que é isso, eu sei o que é isso...

H -É isso...

J – Helena, obrigado. [...] pode cortar, obrigado.

[FIM DO DEPOIMENTO]